

O APELIDO FEMININO “GRINALDA”

■ *Gílson Santos*

A primeira “Grinalda” no Brasil foi D. Luíza Grinalda (1541-1626), a primeira mulher a ocupar um cargo senhorial e de governo no Brasil. Foi ela a esposa do Capitão Vasco Fernandes de Melo Coutinho, “o Filho” (c. 1530-1589), o qual herdara a capitania estabelecida por seu pai. Ao falecer Vasco Coutinho Filho, não tendo descendente legalmente reconhecido, a viúva tornou-se a primeira donatária da capitania, entre 1589 a 1593.

No início do governo de Luíza de Grinalda, Miguel de Azeredo – que era cunhado de Luíza, por ser casado com sua meia-irmã, como também irmão do concunhado¹ dela, o Capitão Marcos de Azeredo, “o Velho” (1559-1618) – foi nomeado “adjunto no governo” da capitania. Pelo fim de seu governo, teve início a disputa judicial pelo cargo, pleiteado por Francisco de Aguiar Coutinho, o parente mais próximo de Vasco Fernandes Coutinho Filho. Francisco de Aguiar Coutinho, não obstante, somente assumirá a capitania em 1620. No interregno, após o regresso da donatária para Portugal, Miguel de Azeredo foi escolhido para assumir o posto de Capitão-mor e governador da capitania, governando entre 1594 e 1620, com alguns intervalos. Em um destes, em 1605, seu irmão, Marcos de Azeredo, foi nomeado governador da capitania, nomeado pelo terceiro donatário, Francisco de Aguiar Coutinho.

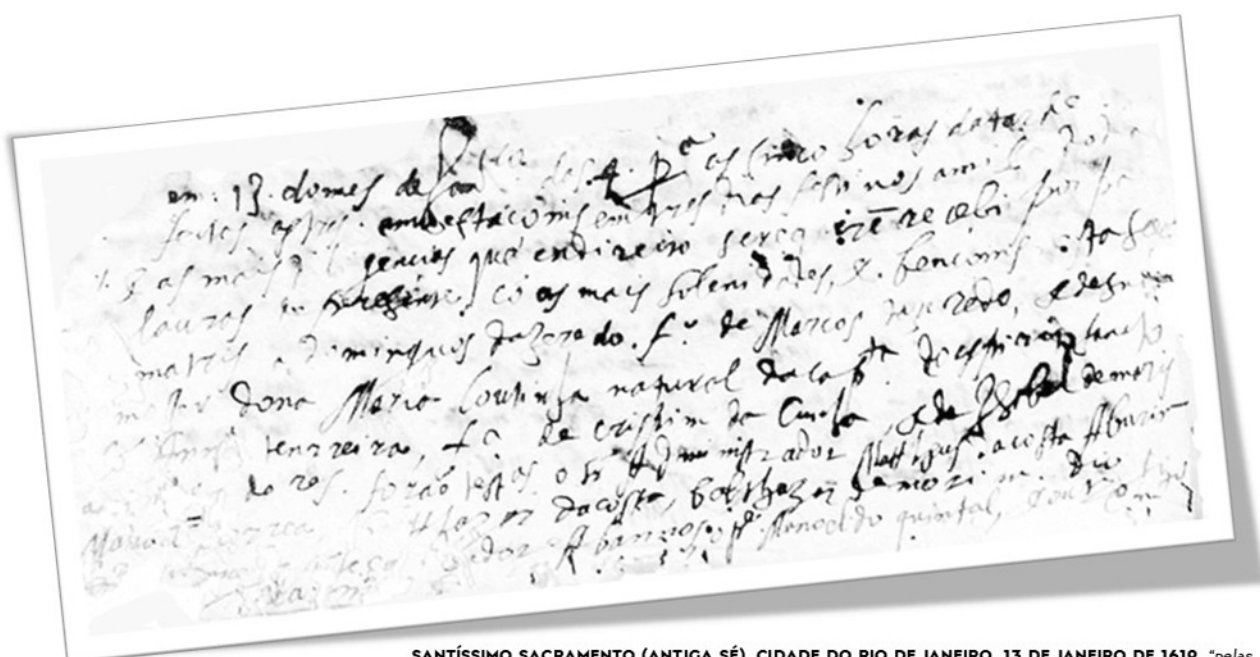


¹ Marcos de Azeredo era casado com Maria Coutinho de Melo, que a genealogia tradicional apresenta como filha de Vasco Fernandes Coutinho, o primeiro donatário. Porém, este vínculo não é unânime; alguns sugerem ser ela neta ou parente do primeiro donatário. Assim, por consequência, pesa ainda alguma controvérsia entre os genealogistas sobre ser Marcos de Azeredo concunhado de Luíza Grinalda, não obstante o fato de as famílias *Coutinho* e *Azeredo* estarem entrelaçadas nas origens da capitania capixaba e que desta histórica vinculação teve origem a família Azeredo Coutinho no Brasil.

Na historiografia nacional, durante bom tempo prevaleceu alguma polêmica acerca do sobrenome “Grinalda”, mas trabalhos acadêmicos decisivos a partir de 2011 estabeleceram o consenso, especialmente entre os historiadores europeus. Tratava-se, em rigor, de *Luísa Grimaldi Correia*, representante legítima da casa de Grimaldi. Luísa Grimaldi era uma fidalga real portuguesa e uma nobre do ramo dos barões de Beuil da Casa *de Grimaldi* — mesmo clã da dinastia Grimaldi de Mônaco, e parenta de Honorato I (1522-1581), que foi senhor de Mônaco. O sobrenome Grimaldi é italiano e encontra evidência documental no século doze.

Entre os muitos fatos notórios do curto governo de Luísa Grimaldi na capitania do Espírito Santo, está a doação que fez aos franciscanos, em 1591, do outeiro da Penha em Vila Velha e o de São Francisco em Vitória, por escritura confirmada por decreto de 7 de março do ano seguinte. Esta é a escritura do terreno onde se encontra o *Convento da Penha*, um dos ícones de Vila Velha e do Espírito Santo.

Como já assinalado, após ser destituída, Luísa Grimaldi retornou a Portugal, estabelecendo-se em Évora, no Alentejo, terra do marido. Ali recolheu-se no convento de *Nossa Senhora do Paraíso*, adotando no claustro o nome de “Sóror Luiza das Chagas”. Segundo documentação histórica, ela ainda vivia no ano de 1626, quando prestou depoimento no processo de beatificação do *Padre José de Anchieta* — com quem convivera ainda no Espírito Santo, tanto cooperando com ele na catequese quanto pela época do falecimento do marido, e de quem recebera assistência espiritual. Luísa Grimaldi faleceu naquele convento das dominicanas logo depois, com cerca de oitenta e cinco anos.



SANTÍSSIMO SACRAMENTO (ANTIGA SÉ), CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 13 DE JANEIRO DE 1619. “pelas cinco horas da tarde”, casamento de “Domingos d’Azeredo, filho de Marcos d’Azeredo e de sua mulher dona Maria Coutinha, natural da costa do Espírito Santo, e Anna Tenreira, filha de Crispim da Cunha e de Isabel de Mariz”.

O apelido “Grinalda” trata-se, pois, de corruptela luso-brasileira do italiano Grimaldi, e continuou a ser repassado a mulheres descendentes do casal Domingos de Azeredo Coutinho e Melo e Ana Tenreiro da Cunha. Filho de Marcos de Azeredo e Maria Coutinho de Melo, o sertanista Domingos de Azeredo Coutinho e Melo (1596-1664), nascido ainda em Vila Velha, casou-se na igreja do *Santíssimo Sacramento* (antiga Sé), na cidade do Rio de Janeiro, em 13 de janeiro de 1619, “pelas cinco horas da tarde”. Na linhagem do casal, o prenome *Luísa* tornou-se bastante proeminente. Assim, por muitas gerações, tornou-se comum o prenome Luísa e o apelido Grinalda estarem em associação.

Quanto às mulheres nascidas no Brasil, a ocorrência documental do apelido é verificada *apenas a partir da década de 1660*, sendo o nome próprio composto “Luísa Grinalda” o mais comum, seguido do nome “Josefa”.

O APELIDO FEMININO GRINALDA²

1ª geração	Marcos de Azeredo e Maria Coutinho de Melo			
2ª geração	Domingos de Azeredo Coutinho e Melo e Anna Tenreira da Cunha			
3ª geração	3.1 Marcos Tenreiro de Azevedo Coutinho e Melo e Paula Rangel de Macedo	3.2. Antônio de Azeredo Coutinho e Isabel Borges	3.3. Domingos de Azeredo Coutinho e Maria Leite Cavalcante	3.4. Joana Tenreira Coutinho da Cunha e Francisco Martins Ribeiro, senhor do Engenho de Guaxindiba, em São Gonçalo . Os genealogistas, inclusive Rheingantz, informam que o casal teve apenas dois filhos, sendo um deles clérigo e o outro a seguir.
4ª geração	4.1. Luísa Grinalda Coutinho, n. 1665, Rio, filha do casal acima.	xxx	4.2. Luísa Grinalda , n. ca. 1668, Rio 4.2. Urbana Grinalda , n. ca. 1682, Rio.	4.3. Sebastião Martins Ribeiro, senhor do Engenho de Guaxindiba, em São Gonçalo , filho do casal 3.4, e Brites Rangel de Macedo.
5ª geração	5.1. Maria Josefa Grimaldi Coutinho, n. ca. 1680, São Gonçalo, filha de 4.1.	[<i>Antônio de Azeredo Coutinho, “o Flexa”, casa-se com sua parenta 5.1.</i>]	5.3. Inácia de Menezes Grinalda , n. ca. 1703, Rio	5.4. Luíza Josefa Grinalda , filha do casal 4.3, n. ca. 1701, em São Barnabé, no <i>atual</i> município de Itaboraí, em lugar de divisa com São Gonçalo. <i>Uma das herdeiras das terras da sesmaria onde se localizava o Engenho de Guaxindiba</i> . 5.5. Francisco Martins Coutinho Rangel, filho do casal 4.3., presbítero secular e visitador do Bispado do Rio de Janeiro,

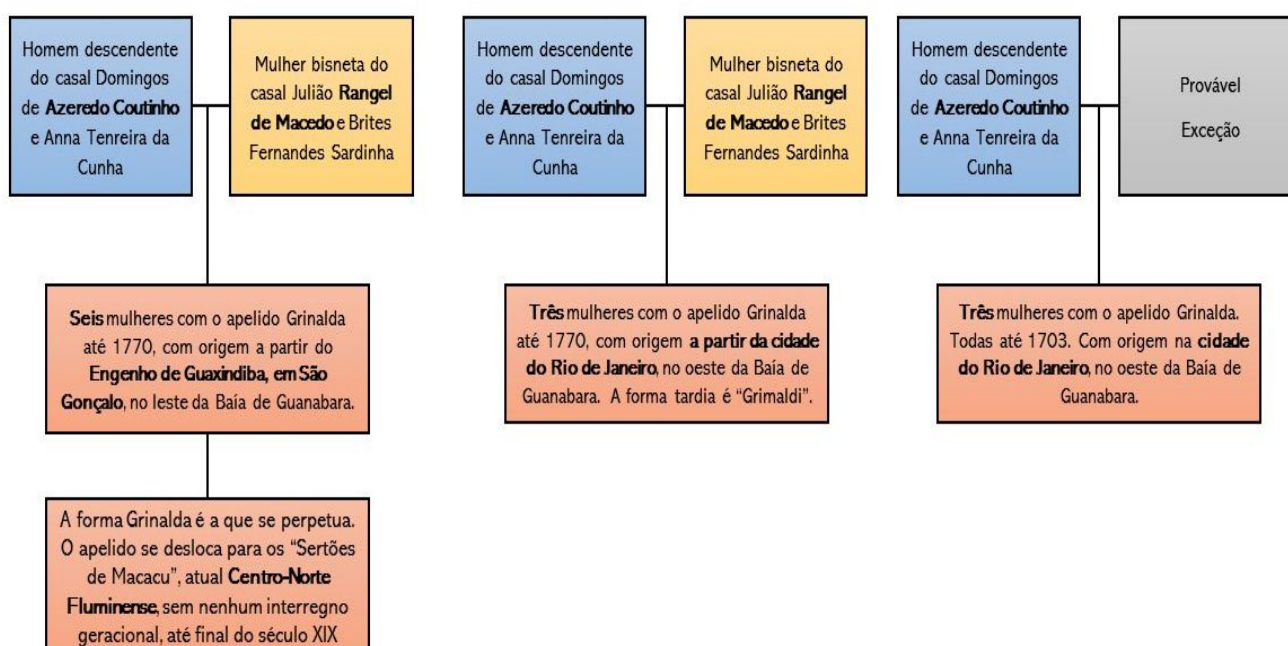
² Os dados genealógicos até a 7ª. geração foram extraídos por meio de rigoroso cotejamento dos dados oferecidos por RHEINGANTZ, Carlos G. TÍTULO: AZEREDO. Rheingantz. *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro; Séculos XVI e XVII*. Tomo 1. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965, pp. 162-163. Os detalhes históricos oferecidos na quinta coluna são obtidos em outras fontes, e resultam de pesquisas do autor deste texto.

	5.2. Andreza Grinalda , n. 1672, Rio, filha de Paula <i>Rangel de Macedo</i>			senhor do Engenho de Guaxindiba , que pertencera ao seu pai e avô, e <i>que deixou para um sobrinho, filho de sua irmã Luíza Josefa Grinalda</i> (5.4).
6ª geração	xxx	xxx	xxx	6.1. Maria Josefa Grinalda, n. ca. 1728 e falecida religiosa no convento de Marvila, em Portugal, filha de 5.4 6.2. Isabel Luísa de Grinalda, n. ca. 1712, Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, filha de Brites <i>Rangel de Macedo</i>, irmã de 5.4 6.3. Luíza Josefa Grinalda, n. ca. 1725, São João de Meriti, Baixada Fluminense, filha de Brites <i>Rangel de Macedo</i>, irmã de 5.4 6.4. Luíza Josefa Grinalda, n. 1733, Rio, filha de Maria Joana de Marins Coutinho, irmã de 5.4 6.5. Capitão Antônio Dias Delgado, filho de 5.4., senhor do Engenho de Guaxindiba, São Gonçalo, c. com d. Ana Tenreira, sua parenta.
7ª geração	xxx	7.1. Maria Grimaldi de Azeredo Coutinho, n. após 1770, Itaboraí, neta de 5.1	xxx	7.2. Isabel Luísa de Azeredo Coutinho, apelidada Isabel Luísa de Grinalda , nascida em São Gonçalo em 1755, casada após. 1766 com o Ten. Antônio de Azeredo Coutinho Maldonado. O casal residiu na <i>Fazenda Cabuçu</i> , em Itaboraí, lugar na divisa com São Gonçalo.
8ª. a 10ª. gerações	xxx	xxx	xxx	O apelido Grinalda migrará de São Gonçalo e Itaboraí (à época ainda o imenso município de Santo Antônio de Sá), na região açucareira ao leste da Baía de Guanabara, para o interior “Serra Acima” do imenso município de Santo Antônio de Sá. O destino serão as novas sesmarias obtidas pelos herdeiros dos senhores de engenho nos chamados “Sertões de Macacu”. A região se transformará em polo cafeeiro. Pelo menos uma mulher nas 8ª, 9ª e 10ª gerações, sem exceção, receberá o apelido Grinalda, com evidência documental até o final do século dezenove.

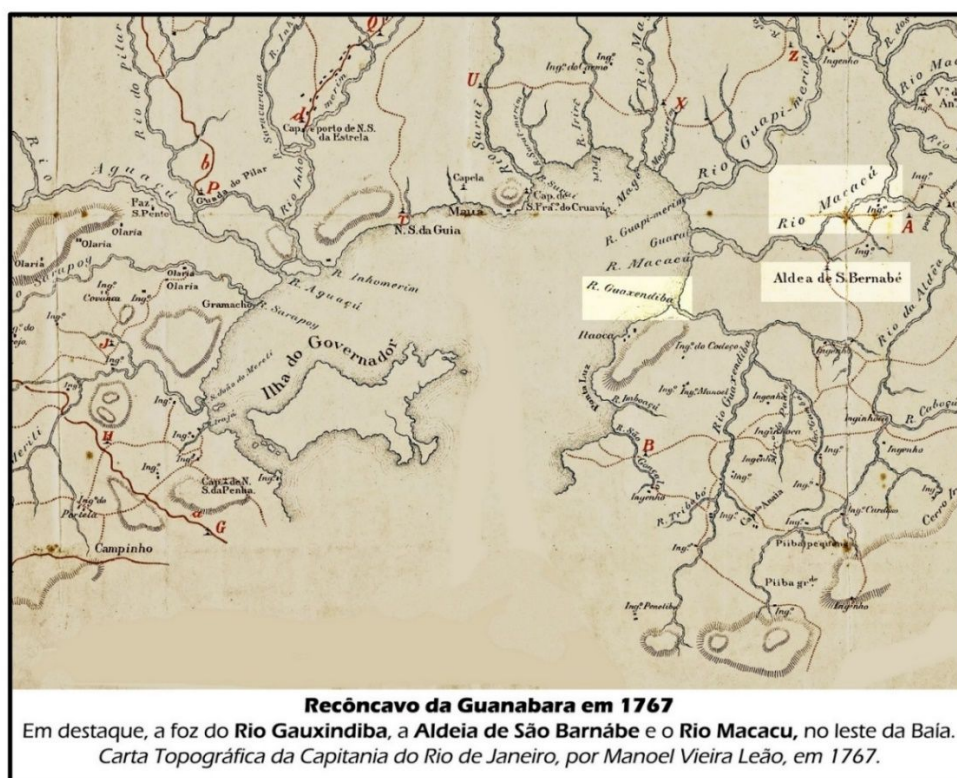
Observe, pela tabela acima, que, documentalmente, o apelido aparece apenas entre descendentes de 3 (três) dos filhos de Domingos de Azeredo Coutinho e Anna Tenreira da Cunha: 1. Cap. Marcos Tenreiro de Azeredo Coutinho; 2. Domingos de Azeredo Coutinho; e 3. Joana Tenreira Coutinho da Cunha, com absoluta proeminência na descendência desta última. Posteriormente, a partir de um casamento ocorrido em 13/09/1700, o apelido seguirá para a linhagem de um quarto filho do casal: Cap. Antônio de Azeredo Coutinho (coluna 3). *Porém, aqui chegará originando-se do tronco do primeiro filho referido acima* (coluna

2). E, em 7 (sete) gerações, tem-se registro de apenas uma descendente com o referido sobrenome nesta linhagem (coluna 3), a qual *nasceu após 1770*.

As mulheres que receberam o apelido Grinalda descendem, em linha direta, de algum casal cujo homem é da família *Azeredo Coutinho* e a mulher da família *Rangel de Macedo*. Tal ancestralidade pode ser imediata (pais) ou mediata (avós ou bisavós), mas *sempre em linha direta*. As exceções, documentalmente verificáveis, são apenas 3 (três) mulheres que descendem do casal Domingos de Azeredo Coutinho e Maria Leite Cavalcante. Porém, neste caso, deve ser observado que *a ancestralidade materna ainda não tem sido genealogicamente decifrada*.



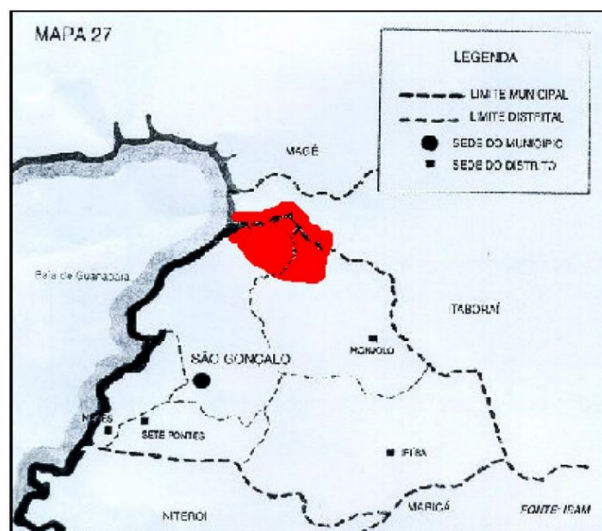
Assim, o apelido tem absoluta proeminência na linhagem de Joana Tenreira Coutinho da Cunha, e *exclusivamente* na descendência de sua nora *Brites Rangel de Macedo*. Geograficamente, o apelido foi, de longe, mais disseminado na região açucareira no leste da Baía de Guanabara, com destaque para o município de *São Gonçalo*, e particularmente com origem no casal *Azeredo Coutinho e Rangel de Macedo*, do **Engenho de Guaxindiba**, localizado no troço do rio de igual nome, na antiga freguesia de São Gonçalo.



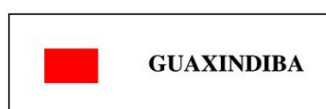
LOCALIZAÇÃO ATUAL DE GUAXINDIBA



Extraído de: GUIMARÃES, Geny Ferreira. *Guaxindiba-RJ: Rural ou Urbano? A Ambiguidade Rural/Urbana no Metropolitano*. UFRJ. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Arioaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente-SP, 11 a 15 de novembro de 2005

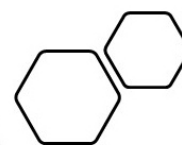
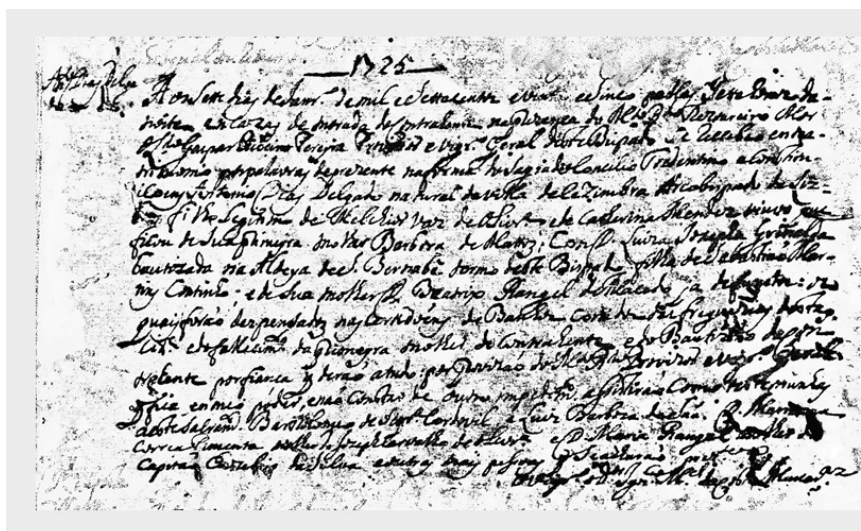


Fonte: Guia Sócio-econômico dos Municípios – 1993.



Extraído de: GUIMARÃES, Geny Ferreira. *Guaxindiba/RJ: do rural e do urbano. RJ. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. 2004. xv n. f.*

Grinalda é, pois, alcunha de mulheres Azeredo Coutinho, bem como do tronco específico Azeredo Coutinho Maldonado... Por padrão, a forma plural, “Grinaldas”, nunca se referia a uma única pessoa, mas às mulheres daquela linhagem ou ao conjunto delas. Saliente-se que entre as tais “Grinaldas”, uma das mais antigas foi *Luísa Grinalda Coutinho* (1665-1714), uma das filhas de Marcos Tenreiro de Azeredo Coutinho e Melo (1619-1680), também sertanista e filho de Domingos. Na região açucareira ao Leste da Baía de Guanabara, outra foi *Luíza Josefa Grinalda*, nascida aproximadamente em 1701 na aldeia de *São Barnabé* – atual Vila Nova de Itambi, terceiro distrito do município de Itaboraí. Luíza Josefa Grinalda casou-se em 7 de janeiro de 1725, na igreja de *Nossa Senhora da Candelária*, no Rio de Janeiro, com o Mestre de Campo Antônio Dias Delgado; este, viúvo, português natural de Sesimbra, na margem sul do Tejo, e que foi tesoureiro da *Casa da Moeda* do Rio de Janeiro.



REGISTRO DE CASAMENTO
ANTÔNIO DIAS DELGADO E
LUÍZA JOSEFA GRINALDA

Igreja de Nossa Senhora da Candelária,
Cidade e Diocese do Rio de Janeiro, Brasil.

7 de janeiro de 1725

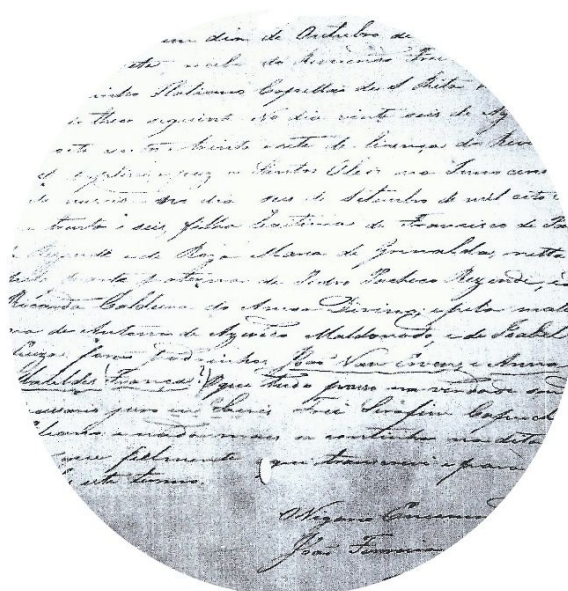
Uma neta do referido casal foi Isabel Luísa de Azeredo Coutinho, nascida em 1755 e batizada em 9 de abril daquele ano, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, no oratório de seu avô paterno, localizado no lugar de Guaxindiba. O nome composto remete para duas de suas mais antigas ancestrais, e para dois nomes femininos comuns entre os Azeredo Coutinho. Foi, porém, comumente referida como *Isabel Luísa Grinalda*. Ela casou-se com o seu parente, o tenente Antônio de Azeredo Coutinho Maldonado, que foi proprietário da Fazenda Cabuçu em Itaboraí.

Uma filha do casal acima foi *Rosa Luísa Grinalda*. Esta se casou com Francisco de Paula Resende, filho do capitão Pedro Pacheco Resende e Ricarda Cordeiro, estes residentes no percurso entre Itaboraí e Maricá. Francisco de Paula Resende e Rosa Luísa Grinalda eram naturais de Itaboraí, na ampla região denominada “Serra Abaixo”, e tiveram os primeiros filhos na freguesia de Nossa Senhora do Amparo de Maricá. Sabe-se, seguramente, que o casal veio integrar o núcleo de famílias pioneiras do ciclo cafeeiro entre o Centro-Norte e o Noroeste fluminense.

No início do século dezenove, a freguesia do *Santíssimo Sacramento*, no arraial de *São Pedro de Cantagalo*, era a única existente na vasta região entre os atuais territórios de Petrópolis e Cachoeiras de Macacu e o território do atual município de Campos dos Goytacazes. No século dezoito, em 1786, fora erguida em Cantagalo a *Capela das Novas Minas dos Sertões de Macacu*. Em 1806 foi criada a paróquia ou freguesia do Santíssimo Sacramento (a construção da atual matriz terá início apenas em 1876). Desta forma, enquanto a freguesia do Santíssimo Sacramento, em Cantagalo, era a única da região, os batismos dos filhos de Francisco de Paula Resende e Rosa Luísa Grinalda foram registrados ali, conquanto realizados por Frei

Serafim Maria, capuchinho italiano, que era capelão em *Santa Rita do Rio Negro* (atual Euclidelândia, Cantagalo).

Nos antigos Sertões de Macacu (atual Centro-Norte fluminense) a alcunha se consolidou, oriunda de “Serra Abaixo”. Uma filha de Francisco de Paula Resende e Rosa Luísa Grinalda foi Paula Auta – única filha, pelo que se tem conhecimento, que se tornou conhecida pelo referido apelido. Esta, nascida em 6 de setembro de 1836, foi batizada por frei Serafim Maria, o capuchinho italiano em Santa Rita; o assento do batismo foi feito na igreja paroquial em Cantagalo em 21 de outubro de 1837. Com a criação da freguesia de São José de Leonissa (Itaocara), os ofícios religiosos da família passarão a ser ali celebrados. Paula Auta de Grinalda se casará, assim, na matriz de São José de Leonissa (futura Itaocara), em 11 de setembro de 1853, com Luís José Vial.



Registro de nascimento (*recorte em lupa*)
Paula Auta de Grinalda
 Freguesia do Santíssimo Sacramento, Cantagalo, Rio de Janeiro
 21 de outubro de 1837

Um dos irmãos mais velhos de Paula Auta de Grinalda, João Luís de Azeredo Coutinho, casou-se em São José de Leonissa (Itaocara) a 10 de junho de 1851, com Josefina Maria do Nascimento. O casal teve ali os seus primeiros filhos. Ele deu a uma de suas filhas o nome de sua mãe: Rosa Luísa Grinalda. Esta se casou no município vizinho, São Fidélis, na Igreja Matriz, pelas dezessete horas do sábado 8 de janeiro de 1870, com Francisco Emílio Nunes de Freitas, também natural daquela mesma freguesia no curso do rio Paraíba do Sul.



▪ Publicado online em 17/12/2020; última atualização: 08/05/2021. Ao traçar um percurso histórico e geográfico, intencionalmente selecionado, do apelido feminino Grinalda, o autor percorre o trajeto brasileiro da história de sua família, concluindo no município onde nasceu.

Gilson Santos integra um *Projeto de Genealogia e História Familiar* do qual fazem parte também outros da família: <https://wp.me/P2loMO-3UY>

Para contatos: <https://institutopoimenica.com/contato/>